

BB 80/2026

GUIMARÃES, Fabiane. *A linguagem dos desastres*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2026. 155p.

Carol Saavedra, em sua obra *O Mundo Desdobrável*: ensaios para depois do fim (2021), por meio de escritas ensaísticas, traz algumas reflexões a respeito da literatura, do processo de criação e das questões contemporâneas que, querendo ou não, impactam no fazer literário em um momento como o atual, em que as alterações climáticas desmoldaram percepções de mundo até então não questionadas. Agora, a possibilidade da finitude por conflitos violentos, pelos genocídios, pelos retrocessos políticos, deixa o terreno das hipóteses e das projeções pessimistas, para atualizar-se pelo factual, pela realidade, pelo acontecido. Nesse mundo de ruínas, qual o papel da literatura? Se há tantos problemas em um planeta em colapso, escrever e publicar literatura eventualmente alterariam nosso destino ou, ao menos, adiariam o fim? Saavedra questiona:

Como escrever em tempos tão urgentes e estranhos? Como escrever sobre nós se cada vez sabemos menos quem somos? Como escrever num planeta em acelerada transformação? Escrevemos e já não é, de novo, já não é, a cada frase. Em outras palavras, num mundo cada vez mais incerto, mais irreal, como abordar a realidade? (Saavedra, 2021, p. 18-19).

A Linguagem dos Desastres, obra de Fabiane Guimarães, inspirada pela leitura de *O Mundo Desdobrável*¹, narra a trajetória de Catarina, da infância à entrada na vida adulta. Catarina nasce numa Brasília que sente os impactos do colapso climático. Seu nascimento é acompanhado por uma queda de energia no hospital, em um “apagão” que serve como uma alegoria a acompanhá-la em diversos momentos da sua vida. Em seu caso particular, o nascimento da criança em meio a esse contexto é seguido por julgamentos e visto pelos amigos de Serena e Jorge, pais de Catarina, como um “deslize reprodutivo” (Guimarães, 2026, p. 14). Colocar uma criança no mundo parecia uma grande inconsequência. O oxigênio ardia, eram tempos de seca, o mal-estar era presente na cidade. Além disso, mesmo após esse longo período de seca, ocorreria uma forte chuva, acompanhada por temporais. Nesse

¹ Conforme declarado pela autora em interação com a autora desta resenha em 25 de junho de 2026. A obra de Carol Saavedra foi lida por Fabiane Guimarães antes da escrita de *A Linguagem dos Desastres*, como uma leitura de pesquisa.

contexto, a narrativa se inicia com a história dessa personagem acompanhada pelas mudanças climáticas que impactam o ser e estar no mundo.

Fabiane Guimarães nasceu no estado de Goiás, em 1991, mas mudou-se para Brasília ainda jovem, com 17 anos. Formou-se em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB) e continua morando em Brasília, com seu marido e suas duas filhas. Publicou, até o momento, três obras: *Apague a Luz se For Chorar* (2021), *Como se Fosse um Monstro* (2023) e *A Linguagem dos Desastres* (2026). Além da maternidade, sua experiência na Capital Federal se reflete na sua última obra, visto que, de acordo com a própria autora, Brasília pega fogo no mínimo três vezes ao ano. Essa vivência, contudo, passou a ser comum entre brasileiros de todas as regiões, não somente do centro-oeste, ao sofrerem as consequências das mudanças climáticas ao seu modo: queimadas, chuvas intensas, aumento das temperaturas, secas extremas, cheias inéditas.

A obra de Fabiane Guimarães traz à ficção a realidade das mudanças climáticas. Não há como dissociar o destino da protagonista e de sua família do clima, já que os impactos figuram na vida de todas as personagens. A literatura, em seu sentido amplo, não pode ser dissociada das questões contemporâneas que a perpassam, a partir da ideia de “uma literatura menos fincada no ‘eu’” (Saavedra, 2021, p. 45), isto é, uma literatura que não traz apenas questões individuais, mas está aberta ao compartilhamento de conflitos, à coexistência de venturas, às angústias comuns, como o medo perante a ideia de um fim de mundo, partilhada na humanidade. Fabiane Guimarães traz a perspectiva comungada do desastre. Conforme coloca Eliane Brum, em *Banzeiro Òkòtó: uma viagem à Amazônia centro do mundo* (2021), “Essa percepção de mundo, a da vida *em* catástrofe, altera o corpo inteiro — e também o modo de colocar esse corpo no mundo. Esse é um corpo em estado de transmutação” (p. 247). Há diferentes modos de se colocar no mundo num contexto catastrófico e isso se observa nas personagens da obra de Fabiane Guimarães.

O crescimento da personagem principal da obra, Catarina, é acompanhado pela preocupação de Jorge e Serena quanto à sua personalidade introvertida. Quase não fala, passa muito tempo sozinha, na crença de que poderia *ouvir* o futuro. Após pegar para si um baralho de tarô que pertencia à sua mãe na juventude, passa, cada dia mais, a acreditar que conseguiria prever os acontecimentos futuros. Ainda sem saber ler, fica obcecada pelo baralho de tarô, principalmente pelas imagens, na curiosa beleza de mostrar um futuro para si: “[...] a beleza, não apenas criada, mas também contemplada, permite escapar do inferno, em qualquer idade” (Petit, 2024, p. 19).

A chegada prevista por Catarina dos novos vizinhos da casa ao lado — uma de suas primeiras previsões que se mostraram fidedignas — traz esperança para Catarina e sua família. Catarina queria alguém para conversar, enquanto os pais viam naquela amizade a esperança de que a menina estivesse mais próxima da normalidade. Augusto e sua mãe, Sandra, mudam-se para a casa ao lado e carregam uma bagagem muito instável. Enfermeira e divorciada, Sandra não lida bem com os nocautes da vida e desconta toda a sua instabilidade em Augusto, que tenta sobreviver, muitas vezes com fome, sem tomar banho e com medo. A amizade surge entre Catarina e Augusto como uma forma de sobrevivência para ambos:

Sem distinguir direito as brincadeiras das quais não gostava, Catarina empolgava-se com a companhia e passou a cercar os tornozelos do novo amigo feito um cãozinho fiel. Ele nunca queria falar sobre o tarô — e era tudo sobre o que ela queria falar —, mas pelo menos ali, marchando ao lado dele, podia fingir ao mundo que entendia as pessoas, que podia ser uma delas. Seus pais, orgulhosos, compartilhavam em silêncio o mesmo alívio (Guimarães, 2026, p. 33).

A amizade cresce junto com as personagens. Após a infância e adolescência sendo maltratada pelo amigo e mal compreendida pelos pais, Catarina cresce com o objetivo de tornar-se uma taróloga, a sua expressão era encontrada por meio do baralho. Já Augusto tenta sobreviver, após ser emancipado pela mãe, por meio de bicos, trabalhos precários, mas que traziam o dinheiro para sua subsistência. Catarina assume o apelido de Nina, a taróloga, e faz sucesso na internet. Ambos buscam sobreviver, da sua forma, num mundo colapsado. Embora as personagens não façam grandes reflexões sobre o que está acontecendo ao seu redor, sentem na subjetividade e no corpo os impactos do aquecimento global e das queimadas que acontecem no entorno. A presença cada vez maior de animais na cidade é um presságio e uma consequência dessas mudanças:

Os carros estacionados amanheciam cobertos de lagartas, lacraias e folhas mortas. Deixando os cascos secos para trás, as cigarras berravam fora de época. Grilos apitavam a noite toda e multidões de caramujos reconquistavam as calçadas.
— São as sete pragas do Egito, meu amigo, sem brincadeira — brincou o morador (Guimarães, 2026, p. 63).

Em um apartamento mais central, motivada pela busca de maior privacidade para atender aqueles que vinham à sua procura e para distanciar-se ao olhar contrafeito do pai, Catarina tem uma agenda recheada. Muitas pessoas querem ajuda para tomar decisões e desejam palavras reconfortantes. Catarina, por sua vez, sabe as palavras certas a dizer, mesmo que não entenda de onde vem tanta convicção. Ela até relata que não se lembra depois do que disse, e sabe que se saiu bem a partir das reações das pessoas e dos agradecimentos que recebe. Já Augusto fica chateado pela fama da amiga, pois sente ciúmes por ter sido, um dia, o único a quem ela implorava para falar sobre o tarô. A infância e adolescência difíceis tiraram

a sensibilidade dele pela vida, assumindo, muitas vezes, uma posição de descrédito frente aos eventos climáticos que aconteciam. Discutir as questões ambientais era “frescura”.

A narrativa avança, as personagens trilham diferentes caminhos que se entrecruzam, espelhando o desastre climático que se apresenta. Catarina percebe a linguagem dos desastres, já Augusto *não conseguia acreditar* na possibilidade de um fim. Nega a realidade com unhas e dentes até o final, porque, embora a vida já tenha sido muito cruel com ele, ainda há uma vontade de viver um futuro melhor, mesmo que incerto. Tal postura perante a realidade tem reflexo no que escreve Eliane Brum (2021, p. 248):

[...] pela primeira vez na trajetória humana, o futuro, em grande medida, está dado. Sabemos que viveremos num planeta muito pior. O que se disputa, repetindo mais uma vez, é se as condições de vida na Terra serão ruins ou hostis. O que se disputa também é como vamos lidar com isso. Os que negam a realidade, porém, falsificam um passado para colocá-lo no lugar do futuro que não conseguem enfrentar. A negação, em geral, é desesperada. E o desespero é um grande ativo do ódio.

A impossibilidade de um futuro até então era questionada. Atualmente, pensar sobre o fim é como uma forma de preparação. A cultura ocidental não está pronta para isso já que divisou o tempo em uma linha progressista, em um avanço iluminista, centrado nas certezas do humanismo. E a literatura proporciona caminhos para refletir sobre temas fraturantes, fissuras na vida individual e coletiva que desconstroem certezas coesas e verdades sólidas. Apesar de a morte, ou melhor, o fim do mundo já ter sido vivido por outros povos, o olhar do ocidente dominador parece crer que a destruição provocada no outro foi apenas mais um passo na exploração do exterior, na correção e construção racional dos espaços ambientais. Nesse aspecto, os povos indígenas têm muito a ensinar sobre a expectativa do fim:

O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos de nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda (Krenak, 2020, p. 45).

A escrita de Fabiane Guimarães denuncia a forma com a qual nos desabituaamos a prestar atenção no que a natureza pode dizer. Augusto, em busca da sobrevivência e de uma vida melhor, não enxerga com clareza aquilo que está na sua frente — ou não quer realmente enxergar. Embora a narrativa se desenvolva principalmente em torno de Catarina e Augusto, sem expandir para uma maior construção das demais personagens que aparecem ao longo da trama, percebe-se um contraste fértil entre os dois protagonistas. Ambos, distanciados, tomam a decisão de persistir na vida de formas diferentes: ela busca explorar o oculto para desenvolver a capacidade de ouvir e enxergar melhor, com a intenção de ajudar as outras

pessoas e a si mesma; ele isola-se e paralisa-se diante da realidade, recusando-se a ver e a ouvir aquilo que não tem forças para enfrentar.

A obra *A Linguagem dos Desastres*, por meio das personagens, mostra formas de viver o colapso climático. Se Saavedra questiona como escrever num mundo cada vez mais incerto, Fabiane Guimarães responde com uma narrativa que não tenta explicar ou resolver o colapso, mas o atravessa junto com Catarina e Augusto, deixando que o leitor sinta, no corpo das personagens, o que significa viver, e insistir em viver, num tempo de fim anunciado.

As personagens da fazenda em que Augusto passa a trabalhar são figuras que no coletivo aglutinam a força de um personagem apenas, cegos diante do colapso à espreita. As queimadas da natureza ao redor da fazenda em que trabalham, embora se expandam diariamente, levando consigo a vida dos seres vivos que ali sobrevivem, não parecem um indício de que há algo acontecendo: para eles, não há um colapso climático e, enquanto não os impactem, não há nenhum problema nisso. As galinhas silenciosas e moles, o ar que ardia, o gosto podre da carne — nada disso era percebido pelos moradores da fazenda, como se seus sentidos estivessem anulados. Era isso que a proprietária da fazenda, Maria, queria que eles acreditassem e era isso que eles faziam, servos fiéis. O consumo de alucinógenos, nas festas que ocorriam após o expediente de trabalho, também era uma forma de anestesiá-los. A figura de Maria, mais experiente e autoritária, era uma fonte de identificação para os trabalhadores da fazenda, que acreditavam que os fatores exteriores eram uma grande bobagem e que jamais os atingiriam.

Catarina enxergou o caminho do destino e sentiu a urgência impreterível de comunicá-lo. *Vocês não estão vendo? Por acaso estão cegos?* Maria se aproximou, com ar sereno e autoritário de sempre, certa de que silenciaria a situação. Mas Catarina não era um de seus servos.

— Você não está vendo o tamanho desse fogo? — perguntou, enfurecida como nunca havia ficado. Nunca. [...]

— Você acha que sabe mais do que eu? Moro nessa terra desde quando você nem era nascida. Augusto, tira ela daqui (Guimarães, 2026, p. 146, grifos da autora).

Catarina, embora tendo nascido em meio a um apagão, com sua sensibilidade e a conexão com a sua intuição, possui uma visão mais clara sobre a realidade em que vive. Conforme lemos ao final da obra (sem a pretensão de contar o final, pois ele merece ser lido), “Algumas pessoas passariam a vida inteira sem enxergar o que estava diante delas, mas a cegueira dos outros não era responsabilidade de quem conseguia ver” (Guimarães, 2026, p. 150). Catarina, embora escondida atrás de um baralho de tarô, aprendeu, desde cedo, a enxergar mesmo na escuridão, e isso a salvou de diversas formas. Sua percepção não se deixa levar pelo ilusório.

A obra da escritora Fabiane Guimarães, como uma réstia de luz em tempos sombrios, orienta-nos sobre o papel da literatura em um mundo em colapso: a possibilidade de pensar noutros mundos, noutras linguagens possíveis, de modo a não adiar o fim, mas enxergá-lo com clareza e entendê-lo.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. *Banheiro òkôtô: uma viagem à Amazônia centro do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PETIT, Michèle. *Somos animais poéticos: a arte, os livros e a beleza em tempos de crise*. São Paulo: Editora 34, 2024.

SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

Yasmim Dornelles

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras
da Universidade de Passo Fundo (UPF)